

Paulo Alexandre Loução

# Lugares Inesquecíveis de Portugal

*Viagens com Alma*

## Ficha Técnica

Coordenador Editorial  
Daniel Oliveira

Revisão  
Cleto Saldanha  
Severina Gonçalves

Projecto Gráfico  
Eranos

Design da Capa  
Ana Isabel Vieira

Impressão  
Tip. Lousanense

Distribuição  
CESodilivros  
Tel.: 213 815 600

1ª Edição  
Julho 2011

Copyright  
© Eranos  
Edições e Multimédia, Lda.

Depósito Legal  
330461/11

ISBN  
978-989-97396-0-4

Título  
Lugares Inesquecíveis de Portugal

Autor  
Paulo Alexandre Loução

Autores Convidados  
Severina Gonçalves • Américo Rodrigues  
António Cândido Franco • Heitor Baptista Pato  
José Antunes • José Carlos Fernández  
José Domingues • José Manuel Anes  
José Ramos

Fotografias  
Américo Rodrigues • Ana Vasconcelos  
Ana Isabel Vieira • Carmen Morales  
Heitor Baptista Pato • José Antunes  
José Domingues • José Manuel Anes  
Pedro Cunha • Severina Gonçalves

Pinturas  
Lima de Freitas e Luís Vieira-Baptista

ERANOS

Eranos - Edições e multimédia, lda.  
Av. António Augusto de Aguiar,  
17 - 4.º Esq. - 1050-012 Lisboa  
Tel.: 213 502 410  
E-mail: eranos.pt@gmail.com

ERANOS

## Cinco Lugares da Geografia Íntima de Teixeira de Pascoaes

António Cândido Franco

### MARÃO

Na geografia íntima de Teixeira de Pascoaes, como primeiro ponto obrigatório, assinala-se a serra do Marão. É certo que o Poeta viveu quase toda a sua vida numa freguesia de Amarante, mas a sua alma estava lá em cima, no Marão. De resto pelas janelas de sua casa, voltadas a Oriente e a Sul, o que se avista são as cristas brônzeas da grande montanha, dorso gigantesco que se agita na brisa celeste junto das paisagens luminosas do outro mundo.

Mário Cesariny, que conheceu o Poeta em 1950 e frequentou depois disso durante largas temporadas a sua casa, dizia-me que Teixeira de Pascoaes na parte final da vida se encasulava todos os dias num anexo envidraçado, que tinha diante o espelho do Marão, para pôr fixos os olhos na serra. O espectáculo predilecto acontecia nas noites de tempestades, em que os relâmpagos fustigavam de luz os píncaros nus do maciço.

O Marão parece ter funcionado para o Poeta como uma corrente portentosa de energia, à qual se ligava pelos sentidos, sobretudo pela visão, dela tirando o alimento necessário para viver. As letras que nos deixou – estou a pensar por exemplo nas que correm em *As Sombras* (1907) – são a transformação que essa poderosa electricidade adquire nas suas mãos, a forma como ele usou e metamorfoseou o alimento visual que recebeu. A intensidade, a raridade da sua inspiração terá em última visão a ver com a fonte de energia em que se alimentou.

Nos derradeiros versos que escreveu, *Últimos Versos* (1953), encontra-se, logo no poema de abertura, “Banco de Pedra”, alusão à serra. E num livro em prosa da mesma época, *O Empecido* (1950), o primeiro parágrafo termina com a palavra Marão. Mesmo nos anos em que se empenhava em escrever uma literatura desprendida de referências locais – estou a falar de livros como *São Paulo* (1934), *Napoleão* (1940), *O Homem Universal* (1937), *São Jerónimo e a Trovoada* (1936) ou *Santo Agostinho* (1945) – a serra não deixava de ser a obsessão viva de Pascoaes, o ponto que o sustinha.

Sentava-se no banco de pedra voltado ao maciço como se ajoelhasse diante dum altar. Diante dele estava o gigante de pedra deitado, parecendo dormir um sono etéreo. No poema acima citado ele cantou assim:

